

Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Departamento de Teoria Literária e Literaturas

**SÁTIRA E ALIENAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO NARRADOR
NÃO CONFIÁVEL EM MACHADO DE ASSIS E GOETHE**

HELOÍSA SULPINO MENDES

Brasília
Fevereiro - 2023

HELOÍSA SULPINO MENDES

**SÁTIRA E ALIENAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO NARRADOR
NÃO CONFIÁVEL EM MACHADO DE ASSIS E GOETHE**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade de Brasília
como pré-requisito para a Graduação em
Língua Portuguesa e respectiva
Literatura.

Orientadora: Ana Laura dos Reis Corrêa

Brasília
Fevereiro - 2023

RESUMO:

Desenvolvido a partir da leitura dos romances *Memórias póstumas de Brás Cubas* de Machado de Assis e *Os sofrimentos do jovem Werther* de Goethe, este texto pretende investigar, baseando-se em artigos do professor Miguel Vedda e dos críticos Roberto Schwarz e György Lukács, como os autores utilizaram, nas obras em questão, a forma de composição satírica e a figuração da alienação para a construção de narradores não confiáveis, além disso, intenta-se apontar ligações entre as duas obras. Sendo assim, busca-se entender a sátira explícita em Machado de Assis, após sua maturação na forma de compor suas obras, que deu origem à narrativa ácida e descarada do personagem Brás Cubas circundada por seu capricho de classe. Já em Goethe, tem-se, por meio de Werther, a busca do autor por encarnar o retrato da infelicidade da pequena burguesia alemã.

Palavras-chave: sátira; alienação; narrador não confiável; Machado de Assis; Goethe.

ABSTRACT:

Developed from the reading of the novels *Memórias Póstumas de Brás Cubas* by Machado de Assis and *The Sorrows of Young Werther* by Goethe, this text intends to investigate, based on articles by Professor Miguel Vedda and critics Roberto Schwarz and György Lukács, how the authors used, in the works in question, the form of satirical composition and the figuration of alienation for the construction of unreliable narrators, in addition, an attempt is made to point out links between the two works. Therefore, we seek to understand the explicit satire in Machado de Assis, after his maturation in the way of composing his works, which gave rise to the acidic and shameless narrative of the character Brás Cubas surrounded by his class whim. Already in Goethe, we have, through Werther, the author's quest to embody the portrait of the unhappiness of the German petty bourgeoisie.

Keywords: satire; alienation; unreliable narrator; Machado de Assis; Goethe.

INTRODUÇÃO

As narrativas machadianas construídas após sua fase de maturidade são, notadamente, dotadas de sátira. Machado propõe nessas narrativas um retrato da realidade social imediata. Todavia, a genialidade do autor se sobressai para à frente de seu tempo, pois, além de enxergar, mesmo estando num plano em que "seus sofrimentos não parecem ter excedido aos de toda gente, nem sua vida foi particularmente árdua" (CANDIDO, 1970, p. 15), Machado consegue explicitar a hipocrisia e os privilégios da classe dominante por meio de seus narradores-personagens, em especial, por meio de Brás Cubas, protagonista da obra analisada neste texto.

Sob a mesma ótica, ou seja, a do narrador não confiável, analisa-se neste texto, ademais, a obra *Os sofrimentos do jovem Werther* de Goethe, em que o personagem Werther é retratado a partir da sua condição de alienado intelectualmente, tornando-o um narrador possivelmente não confiável. À luz da problemática exposta, isto é, a figuração do narrador não confiável como forma de composição satírica, pretende-se analisar, sinteticamente, como essa forma se desdobra nas duas obras em questão. Para tanto, utilizar-se-á, principalmente, como enfoque teórico do texto, o livro de Roberto Schwarz (2000) *Um mestre na periferia do capitalismo*, que expõe Brás Cubas como um narrador volúvel, que, mesmo sentando no banco dos réus, usufrui da impunidade dada a sua classe elitista; o trabalho de Miguel Vedda (2015) *O jovem Goethe e a literatura sentimental: Os sofrimentos do jovem Werther*, que pontua o personagem Werther como o retrato de uma consciência infeliz e alienada e, ainda, o trabalho de György Lukács intitulado "Os sofrimentos do jovem Werther" publicado em seu livro *Goethe e seu tempo*.

No tópico 1 deste texto trataremos sobre a obra de Machado, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, no tópico 2 abordaremos a obra de Goethe, *Os sofrimentos do jovem Werther*, e no tópico 3 será desenvolvida uma breve análise sobre como a forma de composição satírica estabelece conexão entre as duas obras.

Memórias Póstumas de Brás Cubas

A viravolta machadiana, como nomeou Roberto Schwarz (2004), consiste na mudança da forma como Machado conduzia as suas narrativas. Em sua primeira fase, o autor traz consigo uma perspectiva ainda ligada ao romantismo. Além disso, como característica da narração dessa fase, predominam as protagonistas pertencentes a classes menos abastadas. Trazendo, portanto, uma espécie de olhar de baixo para cima na linha social. Em *Iaiá Garcia*, por exemplo, a protagonista feminina era alguém na condição social de dependente, uma agregada. A partir da protagonista, ou seja, do olhar menos abastado, Machado construiu a narrativa do romance.

No entanto, com os anos e a experiência de vida, a visão de Machado mudou e passou a denotar uma quebra de expectativas quanto às mudanças no cenário histórico-social brasileiro, cujas perspectivas, segundo Schwarz, se mostravam esgotadas para o autor que decide, então, não insistir nelas. Com isso, Machado resolve mudar a perspectiva de sua narrativa. A partir da publicação de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em 1881, começa sua segunda fase, uma fase considerada de amadurecimento. Nela, o autor passa a fazer o uso da sátira como forma de composição, de maneira a criticar, de certa forma, a alta sociedade da época partindo dela mesma, mas não a partir de uma visão revolucionária e igualitária de classe, e sim por meio de uma espécie de autodenúncia inconsciente que o narrador faz sobre sua própria classe, que é cheia de privilégios e contradições. Na fase madura, os narradores dos romances escritos por Machado passam a ser narradores-personagens, em uma narrativa contada em primeira pessoa. Nesse sentido, inicia-se a era satírica de Machado, em que a figuração satírica passa a ser feita por meio de narradores não confiáveis, como Bento Santiago em *Dom Casmurro* e Brás Cubas em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Assim, por meio dessa forma de composição, surge o realismo do romance conforme afirma Roberto Schwarz:

A personificação capciosa de um narrador de elite, invejavelmente civilizado e muito envolvido nas relações de opressão que ele mesmo configura e julga, é um lance de xadrez que desarruma o tabuleiro narrativo, tornando mais real a partida. (SCHWARZ, 2004, p. 32)

Desse modo, tomando a narrativa das *Memórias* como ponto principal, a questão do narrador não confiável passa a tomar forma e ganhar força nos romances machadianos. A volubilidade dos narradores de primeira pessoa se pauta, de certa forma, no dizer implícito. Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, é como se a

personagem principal, Brás Cubas, se autocondenasse por meio das contradições suscitadas durante toda a narrativa, isto é, dada a posição de classe privilegiada de Brás Cubas, através da explícita contradição social com a qual o narrador age, percebe-se que durante todo o percurso narrativo é como se ele sentasse no banco dos réus justamente pela tentativa de autodefesa de classe. Suas palavras, dotadas de descaramento, desmascaram os privilégios de classe e a sua incredibilidade. Não há como pôr créditos em um narrador que mascara o que diz, que é inconstante, que não é detentor de consciência devido à alienação proporcionada por sua posição elitista e pelo dinheiro.

A classe possuinte e a classe do proletariado representam a mesma autoalienação humana. Mas a primeira das classes se sente bem e aprovada nessa autoalienação, sabe que a alienação é seu próprio poder e nela possui a aparência de uma existência humana; a segunda, por sua vez, sente-se aniquilada nessa alienação, vislumbra nela sua impotência e a realidade de uma existência desumana. (MARX; ENGELS, A sagrada família, 2003, p. 48)

Nesta denúncia involuntariamente voluntária está a cara da então classe dominante brasileira, que se travestia de ideais progressistas e modernos, mas que, entretanto, compactuava com o escravismo. O progresso e a modernidade trabalhavam em prol da elite, que excluía e tratava como nada quem dela não fazia parte. Os trechos em que Brás Cubas normaliza as atitudes cruéis e escravistas do cunhado Cotrim, contrabandista de escravos, ilustram bem esta questão, que está pautada na volubilidade, ou seja, a tentativa de justificar o injustificável e de normalizar as atrocidades da classe dominante:

Talvez pareça excessivo o escrúpulo do Cotrim, a quem não souber que ele possuía um caráter ferozmente honrado. Eu mesmo fui injusto com ele durante os anos que se seguiram ao inventário de meu pai. Reconheço que era um modelo. Arguiam-no de avareza, e cuidou que tinham razão; mas a avareza é apenas a exageração de uma virtude, e as virtudes devem ser como os orçamentos: melhor é o saldo que o deficit. Como era muito seco de maneiras tinha inimigos, que chegavam a acusá-lo de bárbaro. O único fato alegado neste particular era o de mandar com frequência escravos ao calabouço, donde eles desciam a escorrer sangue; mas, além de que ele só mandava os perversos e os fujões, ocorre que, tendo longamente contrabandeado em escravos, habituara-se de certo modo ao trato um pouco mais duro que esse gênero de negócio requeria, e não se pode honestamente atribuir à índole original de um homem o que é puro efeito de relações sociais. (MACHADO DE ASSIS, 2021, p. 159)

Notoriamente, através de Brás Cubas, Machado, como grande crítico do naturalismo, buscou atribuir a figuração naturalista à narrativa como forma de sátira. Os

inúmeros privilégios de classe que Brás Cubas tem e as justificativas do injustificável que ele tende a dar durante todo o livro foram utilizados por Machado como forma de criticar o determinismo naturalista, isto é, dada a posição de classe do personagem, naturalmente ele teria o direito de agir como age, figurando uma posição claramente satírica e crítica do autor.

E o grande leque de denúncias não finda com as atitudes atrozes de Cotrim, elas estão, ademais, nas atitudes de Brás Cubas quando criança. No enredo é possível se deparar com diversas cenas cruéis, como quando Brás Cubas, ainda na infância, quebrou "a cabeça de uma escrava" (MACHADO DE ASSIS, 2021, p. 29), ou quando este agredia o escravo Prudêncio e o fazia de besta, enquanto o menino apenas dizia "Aí nhô-nhô" (MACHADO DE ASSIS, 2021, p. 29) e o Brasinho respondia com um "Cala a boca, besta" (MACHADO DE ASSIS, 2021, p. 29). As cenas de crueldade retratadas na narrativa fazem o leitor lembrar de dois importantes contos de Machado de Assis: *O caso da vara* e *Pai contra mãe*, que também são contos que contêm cenas desumanas que fazem ser possível enxergar, por meio da forma estética, a forma histórica da época com suas atrocidades. No primeiro, uma menina, Lucrecia, de apenas onze anos, era escravizada e forçada a trabalhar, do contrário, era agredida com uma vara, caso não conseguisse concluir o trabalho. No entanto, vigora, no conto, o modo de pensar da classe dominante local, que naturalizava o trabalho escravo como um trabalho leve, quase um processo formativo educacional e profissionalizante, como um favor prestado às meninas, que, entretanto, eram escravizadas e frequentemente castigadas, como mostram as marcas no corpo da menina Lucrecia. No segundo, uma escrava perde o filho, ainda em seu ventre, após tentar fugir de seu dono e ser recapturada e, conseqüentemente, agredida pelo senhor de escravos, o que provocou um aborto. Entretanto, a maneira com a qual Machado aborda essas questões em sua narrativa visa retratá-las como elas de fato ocorrem, com todo o seu peso que vem de maneira instantânea e espontânea, e o leitor, por conta própria, deve fazer o julgamento e a reflexão sobre elas, ou seja, deve tomar consciência. Assim, para Antonio Candido:

A sua técnica consiste essencialmente em sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII); ou em estabelecer um contraste entre a normalidade social dos fatos e a sua anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. Aí está o motivo da sua modernidade, apesar de seu arcaísmo de superfície. (CANDIDO, 1970, p. 6)

Dessa forma, dado todo o exposto, partindo do próprio retrato da narrativa, percebe-se que é por meio da falta de credibilidade do narrador, constatada em meio a autodenúncia de classe, que a figuração da sátira surge na narrativa. A sátira é figurada, na obra, através do retrato das contradições sociais da época. Desse modo, o autor parte da forma estética, a sátira, para a visualização da forma histórica. Brás Cubas funciona, portanto, como um objeto para a figuração da sátira através da crítica social que ele faz, involuntariamente, sobre sua própria classe, de maneira a promover, mesmo sem saber, o desmascaramento desta, ou seja, uma certa traição involuntária. No entanto, ainda que seja um desmascaramento, é uma posição que se mostra de aceitação comum, como foi possível constatar através do abrandamento das atitudes cruéis escravistas da elite, assim:

A ousadia de sua forma literária, onde lucidez social, insolência e despistamento vão de par, define-se nos termos drásticos da dominação de classe no Brasil: por estratagema artístico, o Autor adota a respeito uma posição insustentável, que entretanto é de aceitação comum." (SCHWARZ, 2000, p. 12).

Essa forma de composição satírica abre espaço para que o leitor crie uma certa consciência contrária à do narrador, refutando suas atitudes e posicionamentos, e identificando as contradições expostas. Sob esse viés, Roberto Schwarz (2004, p. 29) aponta que "o narrador plantado no alto do sistema local de desigualdade (...) é uma consciência abrangente, que incita à leitura a contrapelo e à formação de uma superconsciência contrária."

Quanto à aceitação comum, percebe-se que ela vem da condição de privilégios e dominação que a classe de Brás Cubas detinha. Todavia, ainda que tivesse uma condição de prestígio e uma alta posição social, a vida da personagem principal parece ter se limitado, durante toda a narrativa, a uma condição alienada pelo dinheiro. No capítulo final, intitulado "Das negativas" (MACHADO DE ASSIS, 2021, p. 187), Brás Cubas faz uma reflexão final de toda sua trajetória de vida, citando todas as coisas que não conseguiu conquistar "Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto." (Ibidem, p. 187) Assim sendo, apesar de não ter conseguido a supremacia que buscava, Brás Cubas mostra-se realizado tão somente por não ter necessitado "comprar o pão com o suor do meu rosto"

(Ibidem, p. 187). Dessa maneira, constata-se o verdadeiro universo da narrativa das *Memórias*, em que o dinheiro tudo circunda.

Para esclarecer melhor esta questão, deve-se retomar a tentativa de Brás Cubas de justificar o injustificável ao colocar em posição de honra o cruel e escravista cunhado Cotrim, pois Brás não é capaz de "perceber e interpretar os fatos para além de seus próprios limites" (CORRÊA, 2020, p. 201) e, por isso, é um narrador não confiável, que a todo tempo deixa evidente contradições em seus posicionamentos, além de ser extremamente inconstante e, portanto, volúvel. Logo, Brás Cubas configura a "posição alienada da elite culta local" (CORRÊA, 2020, p. 201).

Em *Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels*, Lukács cita Marx para ressaltar a questão do poder que o dinheiro possui e a condição alienante que ele proporciona, espelhando perfeitamente à questão do dinheiro nas *Memórias*:

[...] é a prostituta universal, o proxeneta que corrompe os homens e os povos. A inversão e a confusão de todas as qualidades humanas e naturais, a conciliação dos inconciliáveis - o poder divino - do dinheiro, tudo isso provém da sua essência enquanto ser genérico que se aliena, exterioriza e se vende. O dinheiro é o poder alienado da humanidade. O que eu não posso fazer como homem, isto é, aquilo que eu não consigo com as minhas forças essenciais individuais, consigo-o pelo dinheiro. O dinheiro transforma, pois, essas forças essenciais em algo que elas não são, quer dizer, no contrário delas." (MARX, p. 145 apud LUKÁCS, 2010, p. 19-20)

Os sofrimentos do jovem Werther

Assim como em Machado de Assis, no Brasil do século XIX, na Alemanha do século XVIII, Goethe estava, de certa forma, à frente de seu tempo. Ambos os países, ainda que em época diferentes, encontravam-se em condição de atraso social e econômico à época da publicação das obras analisadas neste texto. Em uma de suas obras de maior sucesso, *Os sofrimentos do jovem Werther*, Goethe também trouxe traços satíricos e a composição de um narrador não confiável. Werther, personagem principal da obra, é, assim como Brás Cubas, um narrador em quem o leitor não pode confiar. Em contrapartida, os traços de não confiabilidade que o narrador goethiano segue mostram-se divergentes do narrador machadiano, ainda que findem em um mesmo ponto, a não confiabilidade.

Publicado na Alemanha do século XVIII, em pleno Iluminismo alemão, *Os sofrimentos do jovem Werther* adquiriu um sucesso exponencial em toda a Literatura mundial. Em sua obra, Goethe buscou reaver a subjetividade na literatura, a qual o racionalismo da época tentou assolar. Dessa forma:

Werther é o ponto culminante das tendências subjetivistas da segunda metade do século XVIII. E esse subjetivismo não é nenhuma exterioridade no romance, mas a expressão artística adequada da revolta humanista. Entretanto, tudo o que ocorre no mundo de Werther é objetivado por Goethe com uma plasticidade e uma simplicidade inauditas, tal como nos grandes realistas. (LUKÁCS, 2021, p. 55)

Em *O jovem Goethe e a literatura sentimental: Os sofrimentos do jovem Werther*, o crítico Miguel Veeda (2015) expõe a confusão entre ficção e realidade que circunda *Os sofrimentos do jovem Werther*, pois especula-se que a história tenha sido inspirada em um fato real de suicídio por uma relação amorosa não correspondida de um terceiro, da qual Goethe sabia. Por isso, *Werther* tomou um ar místico de confusão entre o real e o ficcional, o que provocou a deturpação do real sentido da obra. Assim, dado o misticismo idealista com o qual a obra foi estereotipada, *Werther* acabou tendo sua complexidade mascarada para o idealismo, "[...] confrontado em uma forma inconciliável com o mundo contemporâneo, materialista e mesquinho." (Veeda, p. 61).

Como sátira sutil voltada ao retrato da "consciência infeliz" (VEDDA, 2015) da época na Alemanha, *Os sofrimentos do jovem Werther* busca retratar uma subjetividade histórica com o personagem Werther, que, por meio de cartas enviadas a seu amigo, deixa transparecer um subjetivismo psicologicamente detalhado sobre seu amor não correspondido. No entanto, a obra é muito mais que o retrato de uma frustração amorosa, Werther conduz o leitor ao mundo fantástico do contato com obras literárias como *Odisseia* de Homero e *Ossian* de James Macpherson.

No entanto, Werther exprime uma obsessão pelas obras que lia, ele adentrou em uma condição alienante intelectualmente e, portanto, não confiável, pois tentava externar em sua vida as epopeias que lia. Desse modo, "[...] o que caracteriza Werther como um narrador não confiável é, entre outras coisas, sua incapacidade de expressar artisticamente os fortes sentimentos e devaneios que lhe povoam o peito." (ANA LAURA, 2020, p. 199). Além disso, para Veeda (2015), "Werther é um narrador pouco confiável, que observa e interpreta os acontecimentos com base em seus próprios preconceitos e obsessões." (VEDDA, 2015, p. 62) e, ademais, "Werther só pode interpretar a realidade interna e externa com base nos estereótipos da literatura e da arte pelos quais se sente seduzido." (Ibidem, p. 63). Desse modo, dada a sua obsessão pelas leituras que fazia, Werther demonstra uma condição de alienado, sendo incapaz de separar sua vida das obras que lê, como na carta de 20 de dezembro (GOETHE, 2021, p. 143) na parte em que o editor se dirige ao leitor narrando o acontecimento da vida de

Werther em que ele lê para Carlota alguns cantos de Ossian e, logo após, invoca uma similaridade entre a história de Werther com Carlota e os cantos de Ossian.

Entretanto, muito antes de conhecer Carlota, Werther já aparentava ser, de certa forma, infeliz, visto que, desde o início da narrativa, ele estava sempre em constante fuga e numa solidão típica de um personagem infeliz e incompleto. Assim, a existência de Werther é pautada em um regime de vida de constantes oscilações e devaneios e também "[...] marcado sempre pela solidão e fuga." (VEDDA, 2015, p. 68). Dessa forma, Werther tenta fugir a todo momento: ou muda de região, ou tenta se alistar à guerra, ou o modo de fuga mais cruel, o suicídio.

Na segunda parte do romance, antes de seu fim trágico, Werther tenta fugir mais uma vez, desta vez ele foge de Carlota e do que sente por ela e vai trabalhar com o embaixador. Nesta parte é possível se deparar com cenas que traduzem o retrato da pequena burguesia na obra, pois ressalta-se, nesse episódio, a divergência social entre a burguesia e a aristocracia por meio de uma reunião que Werther vai em casa do Conde C. Na ocasião, Werther é instigado a deixar o local, pois alguns membros da alta nobreza se incomodaram com sua presença, isto é, com a presença de um burguês em uma festa da aristocracia. Em trechos deste episódio é notório, em Werther, traços da revolta da pequena burguesia "[...] nunca me veio à cabeça a ideia de que nós, os subalternos, não faríamos bem se para ali fôssemos" (GOETHE, 2021, p. 98) e, ainda, "Como detesto do fundo de meu coração semelhante raça..." (Ibidem, p. 98). Lukács (2011) discorre sobre esse "ódio sagrado" que a classe revolucionária necessita de ter:

Este *ódio sagrado* vivido pela classe revolucionária foi sempre um veículo eficaz para uma revolução real, que pretenda extirpar pela raiz a velha ordem. Quando uma sociedade não é mais viável, quando surge a necessidade de destruí-la radicalmente e de substituí-la por uma forma de sociedade fundamentalmente nova, este processo se reflete nas mentes mais avançadas e progressistas da classe ascendente sob a forma deste ódio límpido, que discerne com seu olhar de águia todas as faquezas e vícios e que nada pode debilitar ou apaziguar..." (LUKÁCS, 2011, p. 182)

Ademais, Lukács (2021), em seu trabalho sobre *Os sofrimentos do jovem Werther*, complementa que:

Todo o Werther é uma confissão ardente por aquele novo homem que surge no decorrer da preparação para a revolução burguesa, por aquela humanização, por aquele despertar da atividade universal do homem produzido pelo desenvolvimento da sociedade burguesa - e, ao mesmo tempo, condenado tragicamente à ruína. (LUKÁCS, 2021, p. 53)

Conexão entre as obras

Sendo assim, dadas a análise objetiva e sintética das duas obras, percebe-se que estas diferem, a nível de composição, na forma temporal do narrador, entre outros pontos. Brás Cubas apresenta-se como um defunto-autor que morrera aos 64 anos, ou seja, diverge completamente de Werther, pois este era jovem. O fator tempo também conduz o leitor a se deparar com narradores diferentes no sentido subjetivo, Werther, por exemplo, passa o enredo inteiro desdobrando-se em sua frustração amorosa com Carlota, além de declarar-se a todo tempo, ou seja, há a utilização, como técnica, do sentimentalismo exacerbado. Já Brás Cubas mostra-se um narrador totalmente distanciado de ser romântico, seus devaneios eram em relação a ele próprio, sua tentativa era a criação do "Emplasto Brás Cubas" (MACHADO, 2019, p. 4), ou seja, era individualista e só se preocupava com ele próprio e com seu dinheiro.

Portanto, seja por meio da sátira explícita da sociedade atrasada, escravista e elitista, ou por meio da sátira sutil, o fato é que ambas as obras, aqui brevemente tratadas, adotam como forma de composição narradores não confiáveis a seus modos particulares, mas que sobretudo se pautam pela forma satírica de criação. Brás Cubas é um narrador não confiável em virtude de todo o seu descaramento de classe dotada de privilégio, em que ele busca justificar atrocidades escravistas e elitistas de sua classe. Já Werther se mostra um narrador não confiável devido a toda sua narrativa alienada pela literatura e arte com que Werther mantinha um contato idealista e deformador das próprias obras artísticas. Portanto, as obras em questão se aproximam neste ponto, ou seja, a composição de narradores não confiáveis e infelizes, tendo Brás Cubas com uma vida de "miséria" (MACHADO, 2019, p. 187) e Werther com uma vida de fuga e solidão.

CONCLUSÃO

Neste trabalho, buscou-se entender, ainda que de maneira sintetizada, como os grandes escritores Machado de Assis e Goethe utilizaram a figuração do narrador não confiável como forma de composição satírica. Em seus desdobramentos, percebeu-se a relação dos dois narradores com a condição de vida alienante. Brás Cubas, individualista, elitista e alienado por seu dinheiro, única coisa que ele aponta como positiva em sua vida. Já Werther, com toda sua subjetividade sentimental, mostra-se um

narrador completamente alienado intelectualmente e incapaz de expressar seus sentimentos para além de uma perspectiva idealista da arte com a qual tem contato.

Ademais, explorou-se a conexão entre as duas obras, a qual diverge em alguns pontos e se assemelha em outros. Como divergência principal, ressalta-se que, no que tange ao nível de composição do narrador, foi possível comparar a diferença de idade e, portanto, de vivência de ambos os narradores, sendo um com toda sua vida já vivida e acabada, o defunto-autor, e outro com uma vida pouco vivida, o jovem Werther. No que concerne às semelhanças, tem-se o ponto crucial tratado neste trabalho: a composição satírica de um narrador não confiável. Brás Cubas como volúvel, elitista e inconstante com nítidos privilégios de classe, sentado no banco dos réus, mas ainda sim impune. Werther com seu sentimentalismo exacerbado e sua condição alienada, que não enxerga para além de suas obsessões.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. **Memórias póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Lafonte, 2019.
- CANDIDO, Antonio. Esquema de Machado de Assis. **Vários escritos**, v. 3, p. 17-39, 1970.
- CORRÊA, Ana Laura dos Reis. Sátira e alienação na construção do narrador não confiável em Goethe e Machado de Assis. **Verinotio** – Revista on-line de Filosofia e Ciências Humanas, Rio das Ostras, v. 26, n. 1, pp. 194-202, jan./jun. 2020.
- CORRÊA, Ana Laura dos Reis. A questão da sátira e a figuração do humanitismo em Memórias póstumas de Brás Cubas. **Inter Litteras**, n. 1, p. 67-83, 2019.
- GOETHE, Johann W. von. **Os sofrimentos do jovem Werther**. Trad. e notas Marcelo Backes. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- LUKÁCS, György. “A questão da sátira”. In: _____. **Arte e sociedade: escritos estéticos 1932-1967**. Organização, Introdução e Tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011, p.163-191.
- LUKÁCS, György. **Goethe e seu tempo**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- LUKÁCS, György. “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”. In: MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Cultura, arte e literatura: textos escolhidos**. Tradução de José Paulo Netto e Miguel M. C. Yoshida. São Paulo: Expressão Popular, 2010, pp. 11-38.
- LUKÁCS, György. “Os sofrimentos do jovem Werther”. In: _____. **Goethe e seu tempo**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- SCHWARZ, Roberto. “A viravolta machadiana”. In: **Novos Estudos Cebrap**. No 69, São Paulo, julho, 2004, pp.15-34.
- SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2000.
- VEDDA, Miguel. “El Goethe temprano y la literatura sentimental. Los sufrimientos del joven Werther como anatomía de la conciencia infeliz. In: _____. **Leer a Goethe**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Quadrata, 2015.
- VEDDA, Miguel. **Leer a Goethe**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Quadrata, 2015.